



JOSH MALERMAN

Vencedor do prémio This is Horror para Melhor Livro de Terror

ÀS CEGAS

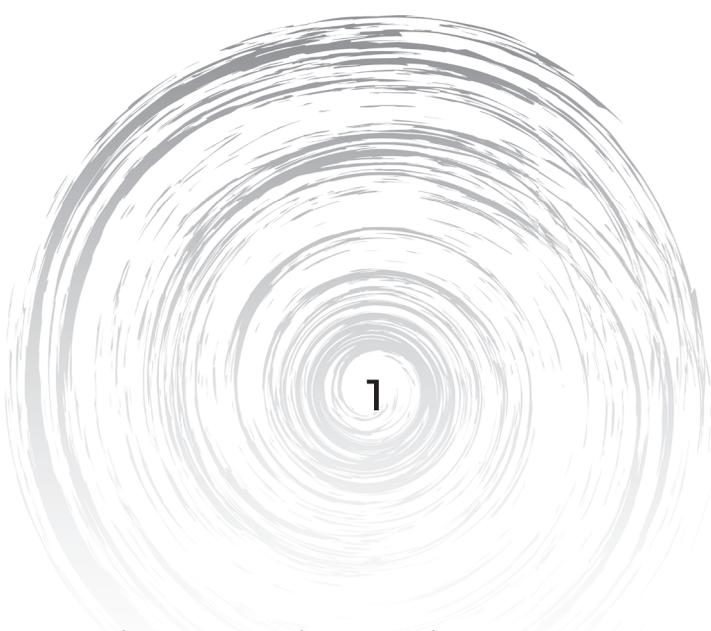
Não se atreva a olhar, ou será tarde demais...

TOP
SEL
LER

Um suspense inquietante que relembra as melhores histórias de Stephen King.

Às vezes gostava de ser arquiteto, para poder dedicar um edifício a uma pessoa; uma superestrutura que furasse as nuvens e continuasse a subir em direção ao abismo. E se Às Cegas fosse feito de tijolos em vez de letras, eu organizaria uma cerimónia, convidaria todas as memórias obscuras que tenho e cortaria a fita com um machado, para todos verem pela primeira vez o nome do edifício. E chamar-se-ia Debbie.

Mãe, Às Cegas é para ti.



Malorie está parada na cozinha, a pensar. Tem as mãos húmidas. Treme. Bate nervosamente com o dedo do pé no chão de mosaicos estalados. Ainda é cedo, o sol mal espreita sobre a linha do horizonte. Enquanto observa a luz débil do astro-rei a conferir às pesadas cortinas um tom ligeiramente menos preto, pensa:

Nevoeiro.

As crianças dormem sob estruturas de arame envoltas em tecido negro ao fundo do corredor. Talvez a tenham escutado há momentos, de joelhos no pátio. Qualquer que fosse o ruído que fez deve ter sido captado pelos microfones e transmitido pelos amplificadores ao lado das camas delas.

Olha para as mãos e deteta um brilho muito subtil sob a luz das velas. Sim, estão húmidas. Ainda estão cobertas de orvalho matinal.

Agora, na cozinha, Malorie respira fundo antes de apagar a vela. Olha em volta para o pequeno espaço, reparando nos utensílios enferrujados e nos pratos rachados. A caixa de cartão que é usada como caixote de lixo. As cadeiras, algumas reparadas com cordel. As paredes estão sujas, dos pés e das mãos das crianças. Mas há também nódoas antigas. A parte inferior das paredes do corredor está descolorada, púrpuras profundos que desbotaram e se tornaram castanhos com o passar do tempo. São de sangue. A alcatifa

da sala de estar também está manchada, por mais que Malorie esfregue. Não há na casa químicos que ajudem a limpá-la. Há muito tempo, Malorie encheu os baldes com água do poço e, usando o casaco de um fato, tentou remover todas as manchas da casa. Mas elas recusaram-se a sair. Mesmo as que se revelaram menos resistentes permaneceram, talvez uma sombra do tamanho original, mas ainda horivelmente visíveis. Uma caixa de velas esconde uma nódoa no *hall*. O sofá da sala está num ângulo estranho, movido para ali para ocultar duas manchas que parecem duas cabeças de lobo aos olhos de Malorie. No segundo andar, junto às escadas do sótão, uma pilha de casacos bafientos esconde arranhões púrpura, profundamente cravados no rodapé. A três metros dali está a nódoa mais negra da casa. Ela não usa a parte mais afastada do segundo andar da casa porque não consegue passar por ela.

Esta foi em tempos uma boa casa num agradável subúrbio de Detroit. Em tempos foi uma casa preparada para uma família, uma casa segura. Há menos de meia década um agente imobiliário tê-la-ia mostrado com orgulho. Mas naquela manhã as janelas estão tapadas com cartão e tábuas. Não há água corrente. Um grande balde de madeira está pousado na bancada da cozinha. Cheira a velho. Não há brinquedos convencionais para as crianças. Pedacos de uma cadeira de madeira foram esculpidos na forma de figuras humanas em miniatura, com rostos pequenos pintados. Os armários estão vazios. Não há quadros nas paredes. Passam fios por baixo da porta das traseiras até aos quartos do primeiro andar, onde os amplificadores alertam Malorie e as crianças para quaisquer sons vindos do lado de fora da casa. Os três vivem assim. Passam longos períodos sem ir à rua. Quando o fazem, vão de olhos vendados.

As crianças nunca viram o mundo fora da sua casa. Nem sequer pelas janelas. E Malorie não olha lá para fora há mais de quatro anos.

Quatro anos.

Ela não tem de tomar esta decisão hoje. É outubro no Michigan. Está frio. Uma viagem de 32 quilómetros pelo rio será difícil para as crianças. Talvez ainda sejam demasiado pequenas. E se uma delas cair à água? O que faria Malorie, com os olhos vendados?

Um acidente, pensa Malorie. Que horrível. Depois de tantas dificuldades, depois de toda esta sobrevivência, morrer por causa de um acidente.

Malorie olha para as cortinas. Começa a chorar. Quer gritar com alguém. Quer implorar a alguém que possa ouvi-la. *Isto é injusto, diria. Isto é cruel.*

Olha por cima do ombro, para a entrada da cozinha e para o corredor que conduz ao quarto das crianças. Do outro lado da ombreira sem porta, as crianças dormem profundamente, cobertas com tecido negro, escondidas da luz e da vista. Não se mexem. Não dão o menor sinal de estarem acordadas. No entanto, podem estar a escutá-la. Às vezes, de tanto as pressionar para ouvirem, de toda a importância que atribui aos seus ouvidos, Malorie acredita que elas conseguem ouvir os seus pensamentos.

Podia esperar pelos dias cheios de sol, pelo calor, para dedicar mais cuidado ao barco. Podia informar as crianças, ouvir o que têm a dizer. As sugestões delas podiam ser boas. Têm apenas 4 anos, mas foram treinadas para *escutar*. Capazes de ajudarem a guiar um barco pilotado às cegas. Malorie não conseguiria fazer a viagem sem elas. Precisa dos seus ouvidos. Ser-lhe-ia igualmente útil o conselho delas? Aos 4 anos de idade, terão elas algo a dizer acerca de *quando* é a melhor altura para deixarem a casa para sempre?

Deixando-se cair numa cadeira da cozinha, Malorie esforça-se para conter as lágrimas. O pé descalço continua a bater no linóleo desbotado. Lentamente, olha para o cimo das escadas da cave. Ali falou em tempos com um homem chamado Tom acerca de um homem chamado Don. Olha para o lava-loiça, para onde Don em tempos carregou baldes de água do poço, a tremer do frio da rua. Inclinando-se para a frente, consegue ver o *hall*, onde Cheryl

costumava preparar a comida para os pássaros. E entre ela e a porta da rua está a sala, silenciosa e escura, onde há demasiadas memórias de demasiadas pessoas para serem digeridas.

Quatro anos, pensa, e tem vontade de esmurrar a parede.

Malorie sabe que quatro anos podem facilmente tornar-se oito. E oito podem igualmente tornar-se doze. E nessa altura as crianças serão adultos. Adultos que nunca viram o céu. Que nunca olharam por uma janela. Quais seriam as consequências, para as suas mentes, de viverem como vitelos durante 12 anos? Malorie pergunta-se se existirá um ponto em que as nuvens no céu se tornam irreais e que o único lugar onde se sentem em casa é atrás do tecido preto das suas vendas.

Malorie engole em seco e imagina-se a criá-los sozinha até à adolescência.

Seria capaz de o fazer? Seria capaz de os proteger durante mais dez anos? Conseguiria protegê-los durante tempo suficiente para eles serem capazes de a proteger a ela? E para quê? Para que tipo de vida está ela a protegê-los?

És uma má mãe, pensa.

Por não encontrar uma forma de os deixar conhecer a vastidão do céu. Por não encontrar uma forma de os deixar correr livremente no pátio, na rua, no bairro de casas vazias e de carros estacionados e desgastados pelo tempo. Ou por os ter deixado espreitar uma única vez para o espaço, quando o céu fica preto e fica súbita e maravilhosamente polvilhado de estrelas.

Estás a salvar a vida deles para uma vida que não vale a pena viver.

Malorie vê as cortinas ganharem um tom ainda mais claro através das lágrimas que lhe toldam a visão. Se há nevoeiro lá fora, não será por muito mais tempo. E se existe a hipótese de este a poder ajudar, se a ocultar e às crianças enquanto se dirigem para o rio, para o barco a remos, então tem de as acordar agora.

Dá uma palmada na mesa da cozinha e limpa as lágrimas dos olhos.

Levantando-se e saindo da cozinha, Malorie atravessa o corredor e entra no quarto das crianças.

— Rapaz! — grita. — Rapariga! Acordem.

O quarto está às escuras. A única janela tem tantos cobertores a tapá-la que a luz do sol não entra nem quando este atinge o zé-nite. Há dois colchões, um em cada lado do quarto. Por cima deles há dosséis negros. Em tempos, o arame que sustenta o tecido foi usado para delimitar um pequeno jardim junto ao poço no quintal da casa. Mas durante os últimos quatro anos serviu de armadura, protegendo as crianças não apenas do que podia vê-las, mas também do que *elas* podiam ver. Por baixo dele, Malorie escuta movimento e ajoelha-se para soltar o arame que está preso a pregos cravados no chão de madeira. Já está a tirar do bolso as vendas quando as duas crianças a fitam com expressões sonolentas e surpreendidas.

— Mamã?

— Levantem-se. Agora. A mamã precisa que sejam rápidos.

As crianças reagem rapidamente. Não choramingam nem se queixam.

— Onde vamos? — pergunta a Rapariga.

Malorie estende-lhe uma venda e diz:

— Põe isto. Vamos ao rio.

Os dois pegam nas vendas e apertam o tecido negro que lhes cobre os olhos. São versados naquele gesto. Especialistas, se é que aos quatro anos podem ser especialistas em alguma coisa. Malorie sente-se destroçada. São apenas crianças e deviam estar curiosos. Deviam estar a perguntar por que motivo iam ao rio naquele dia — a um rio onde nunca estiveram.

Mas em vez disso fazem o que lhes é dito.

Malorie não põe a sua venda por enquanto. Primeiro vai preparar as crianças.

— Traz o teu puzzle — diz à Rapariga. — E tragam ambos os vossos cobertores.

O entusiasmo que sente é impossível de conter. Parece mais histeria. Indo de divisão em divisão, Malorie procura coisas, pequenos

objetos, de que possam precisar. De repente, sente-se horrivelmente preparada. Sente-se insegura, como se a casa e o chão por baixo dela tivessem desaparecido, expondo-a completamente ao mundo exterior. No entanto, na obstinação do momento, agarra-se ao conceito da venda. Independentemente das ferramentas que decida levar, dos objetos domésticos que possam ser usados como armas, sabe que as vendas são a sua proteção mais forte.

— Tragam os vossos cobertores! — Lembra-lhes, ouvindo os dois pequenos corpos a prepararem-se. Depois entra no quarto para os ajudar. O Rapaz, pequeno para a idade, mas dono de uma força que orgulha Malorie, está a tentar decidir entre duas camisas que são ambas demasiado grandes para ele. Em tempos pertenceram a um adulto, há muito desaparecido. Malorie escolhe por ele e observa-o enquanto o seu cabelo negro desaparece para dentro do tecido e depois volta a emergir pela gola. No seu estado ansioso, Malorie reconhece que o Rapaz cresceu um pouco recentemente.

A Rapariga, de tamanho médio para a idade, está a tentar enfiar um vestido pela cabeça, um vestido que ela e Malorie costuraram a partir de um lençol velho.

— O ar está frio, Rapariga. Um vestido não serve.

A Rapariga faz uma careta; tem o cabelo louro despenteado do sono.

— Eu também visto umas calças, mamã. E temos os nossos cobertores.

A raiva apodera-se de Malorie. Não quer resistência. Não hoje. Nem mesmo se a Rapariga tiver razão.

— *Hoje não há vestidos.*

O mundo lá fora, os centros comerciais e restaurantes vazios, os milhares de veículos sem uso, os produtos esquecidos nas prateleiras abandonadas das lojas, tudo exerce pressão sobre a casa. Tudo sussurra aquilo que os aguarda.

Ela tira um casaco do roupeiro no pequeno quarto ao fundo do corredor. Depois sai do quarto por aquela que sabe que será a última vez.

— Mamã — diz a Rapariga, encontrando-a no corredor. — Precisamos das buzinas das bicicletas?

Malorie respira fundo.

— Não — responde. — Vamos estar todos juntos. Durante toda a viagem.

Quando a Rapariga volta a entrar no quarto, Malorie reflete no quão patético é que as buzinas de bicicletas sejam o maior entretenimento das crianças. Brincaram com elas durante anos. Toda a sua vida, a buzinar de lados opostos da sala. O som forte costumava irritar Malorie. Mas nunca lhas tirou. Nunca as escondeu. Mesmo nos momentos ansiosos do início da maternidade, Malorie compreendia que naquele mundo, qualquer coisa que fizesse rir as crianças era uma coisa boa.

Mesmo quando as buzinas serviam para assustar *Victor*.

Oh, as saudades que Malorie tem daquele cão! Nos primeiros tempos a criar os filhos sozinha, as suas fantasias de ir para o rio incluíam *Victor*, o *border collie*, sentado ao seu lado no barco a remos. *Victor* avisá-la-ia se um animal se aproximasse. Talvez conseguisse mesmo afugentar algo.

— OK — diz ela, com o corpo ágil apoiado na ombreira da porta do quarto das crianças. — Pronto. Agora vamos.

Houve alturas, tardes plácidas, noites de tempestade, em que Malorie lhes disse que este dia podia chegar. Sim, já lhes tinha falado do rio. De uma viagem. Tivera o cuidado de não lhe chamar a sua «fuga» porque não conseguia suportar a ideia de eles viverem o seu dia a dia a pensar que havia algo de que fugir. Em vez disso, falou-lhes de uma manhã futura em que os acordaria, apressada, a exigir que se preparassem para deixar a casa para sempre. Sabia que eles conseguiam detetar a sua incerteza, da mesma forma que conseguiam ouvir uma aranha a subir pelo vidro de uma janela por trás da cortina. Durante anos, mantiveram um pequeno saco de comida no armário da cozinha, guardado até se estragar, sendo sempre substituído, sempre reabastecido, a prova de Malorie de que *podia* acordá-los como lhes dissera que faria. *Sabem*, pensava,

estudando nervosamente as cortinas, *a comida no armário faz parte de um plano.*

E agora esse dia chegou. Nesta manhã. Nesta hora. O *nevoeiro*.

O Rapaz e a Rapariga dão um passo em frente e Malorie ajoelha-se diante deles. Verifica as vendas. Estão bem fixas. Naquele momento, olhando de um pequeno rosto para o outro, Malorie tem a perfeita consciência de que a sua partida começou finalmente.

— Ouçam-me — diz-lhes, agarrando-lhes os queixos. — Hoje vamos subir o rio num barco a remos. Pode ser uma viagem longa. Mas é crucial que ambos façam tudo o que eu disser. Entendem?

— Sim.

— Sim.

— Está frio lá fora. Têm os vossos cobertores. Têm as vossas vendas. Neste momento não precisam de mais nada. Entendem?

— Sim.

— Sim.

— Não podem tirar a venda, seja em que circunstância for. Se o fizerem, vou magoar-vos. Entendem?

— Sim.

— Sim.

— Preciso dos vossos ouvidos. Preciso que ambos escutem o mais atentamente que conseguirem. No rio, precisam de escutar o que está para lá da água, para lá do bosque. Se ouvirem um animal no bosque, digam-me. Se ouvirem alguma coisa na água, digam-me. Entendido?

— Sim.

— Sim.

— *Não façam* perguntas que não tenham a ver com o rio. Tu vais estar sentado na parte da frente — explica, dando um toque no Rapaz. Depois dá um toque na Rapariga. — E tu vais estar sentada na parte de trás. Quando chegarmos ao barco, eu vou guiar-vos para esses lugares. Eu vou sentada no meio, a remar. Não quero que falem um com o outro dos vossos lugares no barco a menos que ouçam algo no bosque. Ou no rio. Entendem?

— Sim.

— Sim.

— Não vamos parar por nenhum motivo. Não enquanto não chegarmos ao nosso destino. Eu digo-vos quando chegar a altura. Se tiverem fome, comam deste saco.

Malorie encosta o saco às costas das pequenas mãos das crianças.

— Não adormeçam. *Não* adormeçam. Hoje, mais do que nunca, preciso dos vossos ouvidos.

— Vamos levar os microfones? — pergunta a Rapariga.

— Não.

Enquanto fala, Malorie olha de um rosto vendado para o outro.

— Quando sairmos desta casa, vamos dar as mãos e caminhar ao longo do caminho até ao poço. Vamos atravessar a pequena clareira no bosque atrás da nossa casa. O caminho até ao rio está coberto de ervas altas. Podemos ter de nos pôr de gatas em algumas partes e, se isso acontecer, quero que se agarrem ao meu casaco ou ao casaco um do outro. Entendido?

— Sim.

— Sim.

Parecem assustados?

— Ouçam. Vamos a um lugar onde nenhum de vocês esteve. Vamos para longe, tão longe desta casa como nunca fomos. Lá fora há coisas que vos podem fazer mal, que podem fazer mal à mamã, se não me ouvirem, agora, esta manhã.

As crianças estão em silêncio.

— Compreendem?

— Sim.

— Sim.

Malorie treinou-os bem.

— Muito bem — diz ela, com um toque de histeria na voz. — Está na hora. Vamos partir agora. *Vamos partir.*

Ela pressiona as cabeças das crianças contra a sua testa.

Depois dá a mão a cada uma delas. Atravessam rapidamente a casa. Na cozinha, Malorie, trémula, limpa os olhos e tira a sua

própria venda do bolso. Aperta-a bem atrás na cabeça, no seu longo cabelo escuro. Para, com a mão na maçaneta da porta, da porta que se abre para o caminho que fez para ir buscar inúmeros baldes de água.

Está prestes a deixar para trás a casa. A realidade deste momento é avassaladora.

Quando abre a porta, o ar frio entra e Malorie dá um passo em frente, com a mente turva de terror e de cenários demasiado assustadores para mencionar à frente das crianças. Gagueja enquanto fala, quase a gritar.

— Deem-me a mão. Os dois.

O Rapaz pega na mão esquerda de Malorie. A Rapariga entrelaça os dedos na direita.

Vendados, saem da casa.

O poço está a 20 metros de distância. Pequenos pedaços de madeira, em tempos pertencentes a molduras, ladeiam o caminho, ali colocados para os guiarem. Ambas as crianças tocaram na madeira com a biqueira dos sapatos inúmeras vezes. Malorie disse-lhes certa vez que a água era o único medicamento de que algum dia iam precisar. Por causa disto, sabe Malorie, as crianças sempre respeitaram o poço. Nunca se queixaram por terem de ir buscar água com ela.

Junto ao poço, o chão é irregular sob os seus pés. Parece-lhes pouco natural, macio.

— Aqui está a clareira — grita Malorie.

Ela guia cuidadosamente as crianças. Um segundo caminho começa a dez metros do poço. A entrada deste caminho é estreita e bifurca para dentro do bosque. O rio fica a menos de cem metros dali. No bosque, Malorie larga momentaneamente as mãos das crianças para tatear a entrada estreita.

— Agarrem-se ao meu casaco!

Tateia ao longo dos ramos até encontrar uma blusa sem mangas atada a uma árvore à entrada do caminho. Ela mesma a atou ali há mais de três anos.

O Rapaz agarra o bolso dela e sente a Rapariga a agarrar o seu. Malorie grita-lhes enquanto caminha, perguntando constantemente se estão a segurar os casacos um do outro. Os ramos das árvores batem-lhe na cara. Ela não grita.

Em pouco tempo chegam à marca que Malorie cravou na terra. A perna lascada de uma cadeira da cozinha, espetada ali, no centro do caminho, para a fazer tropeçar, para a reconhecer.

Descobrirá o barco a remos quatro anos antes, atracado a quatro casas de distância da sua. Passou um mês desde a última vez que o foi ver, mas acredita que ainda lá está. Apesar disso, é difícil não imaginar o pior. E se alguém o tiver apanhado primeiro? Outra mulher, não muito diferente dela, a viver a cinco casas de distância na direção oposta, a usar todos os dias de quatro anos para reunir coragem para fugir. Uma mulher que em algum momento tropeçou por aquela mesma margem escorregadia e tateou o mesmo ponto de salvação, a ponta de aço do barco a remos.

O ar faz arder os arranhões no rosto de Malorie. As crianças não reclamam.

Isto não é uma infância, pensa Malorie, guiando-as para o rio.

É então que o ouve. Antes de chegar à doca, ouve o barco a remos a balançar na água. Para e verifica as vendas das crianças, apertando ambas. Guia-as para as tábuas de madeira.

Sim, pensa, *ainda cá está*. Da mesma forma que os carros ainda estão estacionados na rua em frente à sua casa. Da mesma forma que as casas da sua rua ainda estão vazias.

Está frio, fora do bosque, longe da casa. O som da água tem tanto de assustador como de excitante. Ajoelhando-se onde crê que o barco deve estar, ela larga as mãos das crianças e tateia a ponta de aço. As pontas dos seus dedos encontram primeiro a corda que o prende.

— Rapaz — diz, puxando a ponta gelada do barco para a doca. — Na parte da frente. Entra para a parte da frente. — Ela ajuda-o. Quando ele está instalado, segura-lhe no rosto com as duas mãos e diz novamente: — Escuta. Para além da água. *Escuta*.

Diz à Rapariga para ficar na doca enquanto desata às cegas a corda, antes de subir para o banco do meio. Ainda meio levantada, ajuda a Rapariga a subir a bordo. O barco dá um sacão violento e Malorie aperta a mão da Rapariga com demasiada força. A Rapariga não grita.

Há folhas, paus e água no fundo do barco. Malorie vasculha no meio deles em busca dos remos que escondeu no lado direito do barco. Os remos estão frios. Molhados. Cheiram a bolor. Ela prende-os nos encaixes de aço. Parecem-lhe fortes, resistentes quando usa um para se afastar da doca. E então...

Estão no rio.

A água está calma. Mas há sons. Movimento no bosque.

Malorie pensa no nevoeiro. Espera que tenha ocultado a sua fuga.

Mas o nevoeiro vai dissipar-se.

— Crianças — diz Malorie, respirando audivelmente —, *escutem*.

Por fim, depois de quatro anos de espera, de treino e de busca pela coragem para partir, rema para longe da doca, da margem e da casa que a protegeu e aos seus filhos durante o que lhe pareceu uma vida.



2

Faltam nove meses para as crianças nascerem. Malorie vive com a irmã, Shannon, numa modesta casa alugada que nenhuma das duas decorou. Mudaram-se para ali há três semanas, apesar das preocupações da amiga. Tanto Malorie como Shannon são mulheres populares e inteligentes, mas na companhia uma da outra têm tendência para se tornarem conflituosas, como se viu no dia em que levaram as suas caixas para dentro da casa.

— Estava a pensar que faz mais sentido o quarto maior ser para mim — disse Shannon, no patamar do segundo piso. — Uma vez que tenho a cómoda maior.

— Oh, vá lá — respondeu Malorie, segurando uma caixa de livros por ler. — A janela desse quarto é melhor.

As irmãs debateram o assunto durante muito tempo, cautelosamente tentando não dar razão aos amigos e familiares, começando a discutir logo na primeira tarde. Por fim, Malorie concordou que deviam atirar uma moeda ao ar, que saiu em favor de Shannon, resultado que até hoje Malorie acredita ter sido manipulado.

Neste momento, Malorie não está a pensar nas pequenas coisas que a irmã faz que a enlouquecem. Não está a limpar, silenciosamente, a confusão de Shannon, a fechar as portas dos armários, a seguir o seu rasto de camisolas e meias espalhadas pelos

corredores. Não está a bufar, passivamente, a abanar a cabeça enquanto liga a máquina de lavar loiça ou enquanto afasta uma das caixas por abrir de Shannon do centro da sala de estar, onde as estorva às duas. Em vez disso, está de pé diante do espelho da casa de banho do primeiro andar, nua, a estudar a sua barriga no reflexo.

Não é a primeira vez que te falha o período, diz a si própria. Mas não serve de consolo, porque há semanas que se sente ansiosa, sabendo que devia ter tido mais cuidado com Henry Martin.

Tem o cabelo negro caído sobre os ombros. Os lábios estão voltados para baixo numa curiosa expressão triste. Pousa as mãos na barriga lisa e acena lentamente com a cabeça. Independentemente do que diga a si própria, *sente-se* grávida.

— Malorie! — grita Shannon da sala. — O que é que estás a *fazer* aí?

Malorie não responde. Vira-se de lado e inclina a cabeça. Os seus olhos azuis parecem cinzentos sob a luz pálida da casa de banho. Planta a palma de uma mão no linóleo cor-de-rosa do lavatório e arqueia as costas. Está a tentar encolher a barriga, como se isso pudesse provar que não há vida lá dentro.

— Malorie! — chama novamente Shannon. — Mais uma notícia na televisão! Aconteceu algo no Alasca.

Malorie ouve a irmã, mas naquele momento não se importa muito com o que acontece no mundo exterior.

Nos últimos dias, a Internet explodiu com uma notícia a que as pessoas estavam a chamar «o Relatório Rússia». Neste, um homem que seguia no lugar do passageiro de um camião em trânsito ao longo de uma autoestrada coberta de neve nos arredores de São Petersburgo pediu ao amigo, que ia ao volante, para encostar e atacou-o, arrancando-lhe os lábios com as unhas. Depois suicidou-se na neve, usando uma serra que havia no compartimento de carga do camião. Uma história horrível, mas cujo destaque Malorie atribui à forma aparentemente absurda que a Internet tem de tornar famosos acontecimentos aleatórios. Mas depois

surgiu um novo caso. Circunstâncias semelhantes. Desta vez em Yakutsk, a cerca de 8000 quilómetros a leste de São Petersburgo. Neste, uma mãe, de acordo com todos os testemunhos «estável», enterrou os filhos vivos no quintal da família antes de se suicidar com pedaços afiados de pratos partidos. E um terceiro caso, em Omsk, na Rússia, quase 3000 quilómetros a sudoeste de São Petersburgo, surgiu online e rapidamente se tornou um dos assuntos mais discutidos em todas as redes sociais. Desta vez havia vídeo. Enquanto tivera estômago, Malorie vira um homem a brandir um machado, com a barba vermelha de sangue, a tentar atacar o homem que estava a filmá-lo. Por fim conseguiu. Mas Malorie não viu essa parte. Tentou deixar de seguir o assunto. Shannon, porém, sempre mais dramática, insistia em transmitir-lhe as notícias assustadoras.

— *Alasca* — repete Shannon do outro lado da porta da casa de banho. — É na *América*, Malorie!

O cabelo louro de Shannon denuncia as raízes finlandesas da mãe das duas. Malorie parece-se mais com o pai: olhos fortes e fundos, e a pele suave e clara de alguém do Norte. Tendo sido criadas na Península Superior, ambas tinham sonhado viver no sul do estado, perto de Detroit, onde imaginavam que havia festas, concertos, oportunidades de emprego e homens em abundância.

Esta última parte não se revelou frutuosa para Malorie até conhecer Henry Martin.

— *Porra* — grita Shannon. — Também pode ter havido algo no Canadá. Isto é grave, Malorie. O que é que estás aí *a fazer*?

Malorie abre a torneira e deixa a água fria correr-lhe sobre os dedos. Molha a cara. Olhando para o espelho, pensa nos pais, ainda na Península Superior. Ainda não sabem de Henry Martin. *Ela* nem sequer falou com ele desde a única noite que passaram juntos. No entanto, ali está, provavelmente ligada a ele para sempre.

Subitamente, a porta da casa de banho abre-se. Malorie estende a mão para uma toalha.

— Credo, Shannon.

— Ouviste o que eu disse, Malorie? A notícia está por toda a parte. As pessoas estão a começar a dizer que está relacionado com a visão de algo. Não é estranho? Ainda agora ouvi a CNN dizer que é a única constante em todos os casos. Que as vítimas *viram* algo antes de atacarem as pessoas e de se suicidarem. Dá para acreditar? Dá?

Malorie vira-se lentamente para a irmã. O seu rosto está inexpressivo.

— Estás bem, Malorie? Não estás com boa cara.

Malorie começa a chorar. Morde o lábio inferior. Agarrou a toalha, mas não se embrulhou nela. Ainda está de pé diante do espelho como se estivesse a examinar a sua barriga nua. Shannon repara.

— Oh, merda — diz Shannon. — Estás com medo de estar...

Malorie já está a acenar que sim. As irmãs aproximam-se na casa de banho cor-de-rosa e Shannon abraça Malorie, acariciando-lhe o cabelo negro, acalmando-a.

— OK — diz. — Vamos ter calma. Vamos fazer um teste. É isso que as pessoas fazem. OK? Não te preocupes. Aposto que mais de metade das pessoas que fazem testes descobrem que não estão grávidas.

Malorie não responde. Limita-se a soltar um suspiro profundo.

— OK — diz Shannon. — Vamos lá.



3

Que distância alcança a audição de uma pessoa?
Remar de olhos vendados é ainda mais difícil do que Malorie imaginara.

O barco já chocou com as margens muitas vezes e ficou preso durante vários minutos, tempo em que ela se viu cercada por visões de mãos invisíveis que se estendem para as vendas que cobrem os olhos das crianças. Dedos que emergem e voltam a desaparecer na água, na lama onde o rio encontra a terra. As crianças não gritaram, não se queixaram. São demasiado pacientes para isso.

Mas *até onde* alcança a audição de uma pessoa?

O Rapaz ajudou-a a soltar o barco, levantando-se e empurrando um tronco coberto de musgo, e agora Malorie rema novamente. Apesar destes primeiros percalços, Malorie sente que estão a avançar. É revigorante. Os pássaros cantam nas árvores agora que o sol nasceu. Os animais andam por entre a folhagem nos bosques que os rodeiam. Os peixes saltam da água, provocando pequenos respingos que eletrificam os nervos de Malorie. Tudo isto é ouvido. Nada é visto.

Desde que nasceram que as crianças foram treinadas para compreender os sons da floresta. Em bebés, Malorie tapava-lhes os olhos com t-shirts e levava-os ao limiar do bosque. Ali, apesar de saber que eram demasiado pequenos para entenderem o que lhes dizia, descrevia-lhes os sons da floresta.

O restolhar de folhas, dizia. *Um animal pequeno, como um coelho*. Sempre consciente de que podia ser algo muito pior. Pior ainda do que um urso. Nesses dias, e nos dias que se seguiram, quando as crianças já tinham idade suficiente para aprenderem, Malorie treinou-se como as tinha treinado a elas. Mas nunca ouviria tão bem como elas haviam de ouvir um dia. Tinha 24 anos quando conseguiu perceber a diferença entre uma gota de chuva e uma batida leve na janela, contando apenas com a audição. Ela tinha sido educada com *visão*. Isso faria dela uma professora desadequada? Quando levava folhas para dentro de casa e pedia às crianças que identificassem a diferença entre ela a pisar uma e a apertar uma na mão, teriam sido as lições certas a dar-lhes?

Até onde alcança a audição de uma pessoa?

Malorie sabe que o Rapaz gosta de peixes. Frequentemente apanhava um no rio, com o auxílio de uma cana de pesca ferrugenta feita com um guarda-chuva que tinha encontrado na cave. O Rapaz gostava de o ver agitar-se no balde do poço na cozinha. Também começara a desenhá-los. Malorie lembra-se de pensar que teria de apanhar todos os animais do planeta e levá-los para casa para as crianças saberem com o que se pareciam. De que outras coisas gostariam se tivessem a oportunidade de as ver? O que acharia a Rapariga de uma raposa? De um guaxinim? Até os carros eram um mito que tinha como única referência os desenhos amadores de Malorie. Botas, arbustos, jardins, montras, prédios, ruas e estrelas. Teria de recriar o planeta para eles. Mas o melhor que conseguiram foram peixes. E o Rapaz adorava-os.

Agora, no rio, ouvindo uma nova agitação na água, ela tem medo que a curiosidade o leve a tirar a venda.

Até onde alcança a audição de uma pessoa?

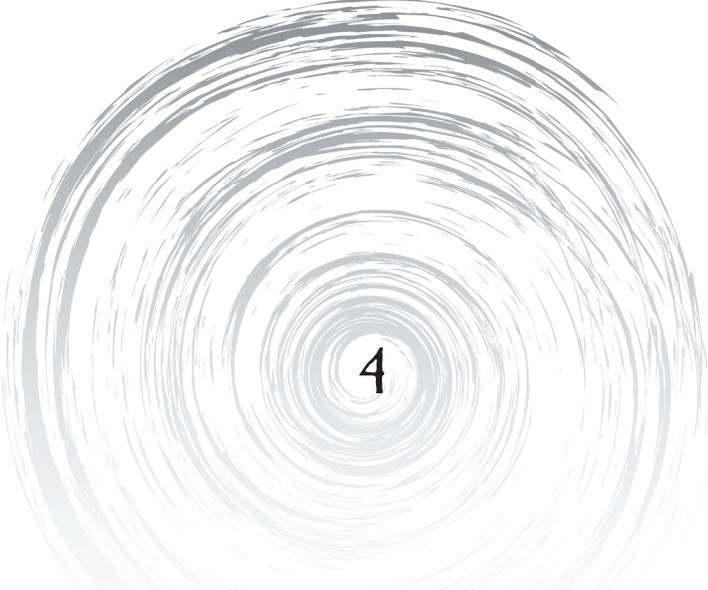
Malorie precisa que as crianças ouçam o que existe *nas* árvores, *no* vento, *nas* margens de terra que levam a um mundo inteiro de criaturas vivas. O rio é um anfiteatro, pensa Malorie, enquanto rema.

Mas também é um túmulo.

As crianças *têm de* escutar.

Malorie não consegue afastar visões de mãos a surgirem da escuridão, a agarrarem as cabeças das crianças, a desatarem deliberadamente aquilo que as protege.

Respirando com dificuldade e a suar, Malorie reza para que seja possível alcançar a segurança confiando na audição.



4

Malorie conduz. As irmãs usam o seu carro, um *Ford Festiva* de 1999, porque tem mais gasolina. Estão a apenas cinco quilómetros de casa, mas já há sinais de que as coisas mudaram.

— Olha! — diz Shannon, apontando para várias casas. — Cobertores a tapar as janelas.

Malorie está a tentar prestar atenção ao que Shannon diz, mas os seus pensamentos regressam constantemente à sua barriga. A explosão do Relatório Rússia nos *media* preocupa-a, mas não o leva tão a sério como a irmã. As outras pessoas na Internet estão mais cétricas, tal como Malorie. Ela leu blogues, especialmente o *Tolices*, que publica fotografias de pessoas a tomarem precauções e depois adiciona-lhes legendas cómicas. À medida que Shannon alternadamente aponta para fora do carro e protege os olhos, Malorie lembra-se de uma delas. Era uma mulher a tapar a janela com um cobertor. Por baixo, a legenda dizia: *Querido, o que é que achas de mudarmos a cama para aqui?*

— Acreditas nisto? — pergunta Shannon.

Malorie assente em silêncio. Vira à esquerda.

— Vamos — diz Shannon. — Tens de admitir que isto está a tornar-se interessante.

Em parte, Malorie concorda. *É* interessante. No passeio, um casal passa com o jornal levantado à altura das têmporas. Alguns

condutores têm os espelhos retrovisores virados para cima. Distraidamente, Malorie pergunta-se se estes são os sinais de uma sociedade a começar a acreditar que se passa algo de errado. E se sim, *o quê?*

— Não entendo — diz Malorie, em parte tentando distrair-se dos seus pensamentos e em parte ganhando algum interesse.

— O que é que não entendes?

— Eles acham que não é seguro olhar para a rua? Olhar para *parte nenhuma?*

— Sim — responde Shannon. — É exatamente isso que acham. É o que tenho estado a dizer-te.

Malorie diz a si própria que Shannon sempre foi muito dramática.

— Bem, parece-me uma loucura — responde. — E olha para aquele tipo!

Shannon olha para onde Malorie está a apontar. Depois desvia o olhar. Um homem de fato caminha com uma bengala de cego. Tem os olhos fechados.

— Ninguém tem vergonha de se comportar assim — diz Shannon, com o olhar fixo nos sapatos. — É para veres o quanto isto se tornou estranho.

Quando entram na Stokely's Drugs, Shannon tem uma mão levantada à frente dos olhos. Malorie repara e depois olha para o outro lado do parque de estacionamento. Os outros estão a fazer o mesmo.

— O que é que tens medo de ver? — pergunta ela.

— Ainda ninguém sabe a resposta.

Malorie já viu o grande letreiro amarelo da drogaria mil vezes. Mas nunca lhe pareceu tão pouco convidativo.

Vamos lá comprar o teu primeiro teste de gravidez, pensa, saindo do carro. As irmãs atravessam o parque de estacionamento.

— Acho que estão onde diz *medicamentos* — sussurra Shannon, abrindo a porta da loja, ainda de olhos tapados.

— Shannon, para.

Malorie dirige-se para a secção de planeamento familiar. Há as marcas *First Response*, *Clearblue Easy*, *New Choice* e seis outras.

— Há tantos — diz Shannon, tirando uma embalagem da prateleira. — Já ninguém usa preservativos?

— Qual é que levo?

Shannon encolhe os ombros.

— Este parece-me tão bom como qualquer outro.

Um homem ao fundo do corredor abre uma caixa de ligaduras. Ergue uma delas à altura dos olhos.

As irmãs levam o teste à caixa. Andrew, que é da idade de Shannon e uma vez a convidou para sair, está a trabalhar. Malorie quer que aquele momento acabe depressa.

— Uau — diz Andrew, estudando a pequena caixa.

— Cala-te, Andrew — responde Shannon. — É para a nossa cadela.

— Vocês agora têm uma cadela?

— Sim — responde Shannon, pegando no saco onde ele guardou a embalagem. — E ela é muito popular no nosso bairro.

O caminho até casa é uma tortura para Malorie. O saco de plástico entre os dois assentos sugere que a sua vida já mudou.

— Olha — diz Shannon, apontando para a rua com a mesma mão que tinha estado a usar para proteger os olhos.

As irmãs abrandam e param. À porta de uma casa na esquina veem uma mulher em cima de um pequeno escadote, a pregar uma manta por cima da janela saliente da casa.

— Quando chegar a casa vou fazer o mesmo — diz Shannon.

— Shannon.

A rua delas, normalmente cheia de crianças, está vazia. Não se vê o triciclo azul coberto de autocolantes. Não se veem bolas e tacos de basebol.

Quando entram em casa, Malorie dirige-se para a casa de banho e Shannon liga imediatamente a televisão.

— Acho que só precisas de fazer chichi para cima dele, Malorie! — grita Shannon.

Na casa de banho, Malorie consegue ouvir o noticiário.

Quando Shannon chega à porta da casa de banho, Malorie já está a olhar fixamente para a risca cor-de-rosa e a abanar a cabeça.

— Oh, céus! — exclama Shannon.

— Tenho de telefonar à mãe e ao pai — diz Malorie. Parte dela já está a preparar-se, sabendo que, apesar de ser solteira, vai ter aquela criança.

— Tens de ligar ao Henry Martin — acrescenta Shannon.

Malorie lança um olhar rápido à irmã. Desde o início daquele dia que sabe que Henry Martin não terá um papel importante na educação daquela criança. De certa forma, já o aceitou. Shannon dirige-se com a irmã para a sala, onde caixas cheias de objetos por desencaixotar ocupam o espaço em frente ao televisor. No ecrã passa um cortejo fúnebre. Os jornalistas da CNN estão a discuti-lo. Shannon avança para o televisor e baixa o volume. Malorie senta-se no sofá, pega no telemóvel e liga a Henry Martin.

Ele não atende, por isso ela envia-lhe uma mensagem.

Assunto importante. Liga-me quando puderes.

Subitamente, Shannon salta do sofá e grita.

— Viste aquilo, Malorie? Um incidente no Michigan! Acho que disseram que foi na Península Superior!

Malorie já está a pensar nos pais. Quando Shannon volta a aumentar o volume, as irmãs descobrem que um casal de idosos de Iron Mountain foi encontrado pendurado numa árvore num bosque próximo. O apresentador do noticiário diz que se enforcaram com os cintos.

Malorie telefona à mãe. Esta atende ao fim de dois toques.

— Malorie.

— Mãe.

— Imagino que estejas a ligar por causa das notícias?

— Não. Estou grávida, mãe.

— Oh, meu Deus, Malorie. — A mãe fica em silêncio por um momento. Malorie consegue ouvir a televisão em pano de fundo.

— Estás numa relação séria com alguém?

— Não, foi um acidente.

Agora Shannon está de pé em frente ao televisor. Tem os olhos arregalados. Está a apontar para o televisor, como se quisesse recordar a Malorie o quão importante aquilo é. A mãe está em silêncio, do outro lado da linha.

— Estás bem, mãe?

— Bem, agora estou mais preocupada contigo, querida.

— Sim. Foi uma má altura.

— De quanto tempo estás?

— Cinco semanas, acho. Talvez seis.

— E vais manter a criança? Já tomaste essa decisão?

— Sim. Quero dizer, acabo de descobrir. Há minutos. Mas vou.

Sim.

— Já disseste ao pai da criança?

— Escrevi-lhe. Também lhe vou telefonar.

Agora Malorie faz uma pausa. Depois continua.

— Sentes-te segura aí, mãe? Estás bem?

— Não sei, não sei mesmo. Ninguém aqui sabe e estamos todos muito assustados. Mas neste momento estou mais preocupada contigo.

No ecrã, uma mulher, com a ajuda de um diagrama, explica o que pode ter acontecido. Está a desenhar uma linha de uma pequena estrada onde o carro do casal foi encontrado abandonado. A mãe de Malorie está a dizer-lhe que conhece alguém que conhecia o casal de idosos. O sobrenome deles era Mikkonen, diz. A mulher no ecrã está agora junto ao que parece relva ensanguentada.

— Meu Deus — diz Shannon.

— Oh, quem me dera que o teu pai estivesse em casa — diz a mãe. — E tu estás *grávida*. Oh, Malorie.

Shannon está a agarrar no telefone. Está a perguntar se a mãe sabe mais pormenores do que os que surgem nas notícias. O que dizem as pessoas da zona? Foi o único incidente? As pessoas estão a tomar precauções?

Enquanto Shannon continua a falar descontroladamente para o telefone, Malorie levanta-se do sofá. Dirige-se para a porta de entrada e abre-a. Olhando para os dois lados da rua, pergunta-se: *Isto será mesmo grave?*

Não se veem vizinhos nos jardins. Não há rostos à janela das outras casas. Um carro passa e Malorie não consegue ver o rosto do condutor. Está a escondê-lo com a mão.

No relvado em frente à entrada está o jornal daquela manhã. Malorie avança para ele. A manchete da primeira página fala do número crescente de incidentes. Diz apenas: MAIS UM. Shannon provavelmente já lhe contou tudo o que o jornal diz. Malorie pega nele e, virando-o, para ao ver algo na última página.

É um anúncio classificado. Uma casa em Riverbridge está a abrir as portas a estranhos. Uma «casa segura», diz. Um refúgio. Um lugar que os donos esperam que sirva de «santuário» à medida que as notícias tenebrosas aumentam de dia para dia.

Malorie, sentindo os primeiros sinais do pânico, volta a olhar para a rua. Vê a porta de um vizinho a abrir-se e depois a fechar-se rapidamente. Ainda com o jornal na mão, Malorie olha por cima do ombro para a sua casa, onde ainda ecoam os sons da televisão. Lá dentro, na parede mais afastada da sala, Shannon está a prender um cobertor por cima das janelas.

— Anda — diz Shannon. — Entra. E fecha essa porta.

NÃO ABRA OS OLHOS. HÁ ALGO TERRÍVEL LÁ FORA.

«Esta foi em tempos uma boa casa num agradável subúrbio de Detroit. Uma casa preparada para uma família, uma casa segura. Mas naquela manhã as janelas estão tapadas. Não há água corrente. Cheira a velho. Não há brinquedos para as crianças. Os armários estão vazios. Passam fios por baixo da porta das traseiras até aos quartos, onde os amplificadores alertam Malorie e as crianças para quaisquer sons vindos do lado de fora da casa. Os três vivem assim. Passam longos períodos sem ir à rua. Quando o fazem, vão de olhos vendados.

As crianças nunca viram o mundo fora da sua casa. Nem sequer pelas janelas. E Malorie não olha lá para fora há mais de quatro anos.

Quatro anos.

Malorie vê as cortinas ganharem um tom mais claro através das lágrimas que lhe toldam a visão. Se há nevoeiro lá fora, não será por muito mais tempo. E se existe uma hipótese de este a poder ajudar, ocultando-os enquanto se dirigem para o rio, para o barco a remos, então tem de acordar as crianças agora.

Levantando-se e saindo da cozinha, Malorie atravessa o corredor e entra no quarto.

— Rapaz! Rapariga! Acordem.»

Num mundo de recursos escassos, e de um terror persistente, encarar o próprio medo é apenas o início da viagem...

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-74-6



9 789898 869746

Literatura Fantástica